

Secretário quer uma revolução no atendimento

Israel Tabak

Muito mais do que gastar dinheiro próprio e alheio na reforma e reequipamento dos hospitais e postos de saúde na cidade, o que o secretário Ronaldo Gazolla quer mesmo é promover uma revolução gerencial na rede pública, de modo a melhorar substancialmente o atendimento à população. Médicos cumprindo horários, equipamentos com manutenção permanente, remédios comprados a preços de farmácia e sempre em estoque. Tudo isso já foi promessa de muito governante, mas Gazolla acha que desta vez a reforma terá sucesso.

O secretário não dá muita importância quando alguém se refere a outros administradores bem intencionados, que fizeram promessas semelhantes mas não conseguiram levar seus projetos adiante: "A diferença é que a saúde é prioridade absoluta deste governo e que através da informatização do sistema vamos dispor, a todo momento, de dados comparativos que nos permitirão detectar os even-

tuais furos", argumenta, confiante. A revolução gerencial se fundamenta numa total descentralização administração e orçamentária e na democratização da gestão dos hospitais municipais.

Quando há alguns anos fizeram a sua campanha vitoriosa, os médicos do Inamps diziam que só com salários decentes poderiam atender convenientemente os doentes. Vitoriosos, por algum tempo os médicos do Inamps se transformaram nos marajás da saúde, ganhando salários muitos superiores aos colegas das redes estadual e municipal. Só que o atendimento não melhorou, nem o presidente do Inamps, na época, Hésio Cordeiro conseguiu fazer com que cumprissem seus horários. Os médicos argumentavam na época que as "as condições de trabalho" continuavam péssimas, o que não tornava o emprego estimulante, nem com melhores salários.

Agora, o secretário Gazolla pretende eliminar as falhas que, segundo ele, fizeram fracassar as boas intenções dos antigos dirigentes do Inamps. Quer acabar com as desculpas que muitos médicos usam para não cumprir horários: "Se além de melhorar significativamente os salários, como estamos fazendo, conseguirmos ativar leitos, reformar e renovar os equipamentos, cuidar de sua manutenção, ter remédios sempre em estoque e motivar todos os funcionários experientes e bem intencionados a ajudar no gerenciamento de cada hospital, estaremos eliminando as desculpas dos relapsos".

A agilidade para as compras de emergência já foi alcançada com o adiantamento mensal de Cr\$ 1 milhão 500 mil para os grandes hospitais, que são movimentados pelo próprio diretor e seus prepostos. Com a formação de núcleos administrativos em cada hospital se pretende, pela primeira vez, democratizar a sua gestão, desemperrando o trabalho: "Em todos os hospitais nós temos algumas figuras-chave que sabem por que determinado setor não está funcionando bem ou por que um remédio está faltando. Esses funcionários serão estimulados a participar da gestão administrativa".

O sistema de informações cruzadas, em programa de computador, montado pelo IplanRio (Instituto de Planejamento do Rio de Janeiro) permitirá comparar os números de vários hospitais de porte similar, ajudando a detectar eventuais desvios de gestão. Outros programas acompanharão o desempenho dos equipamentos, ajudando a prevenir as quebras programadas, um expediente muito usado por algumas empresas que monopolizam a assistência técnica.

O secretário acha que daqui a alguns meses os médicos que administram a saúde na cidade já não precisarão passar a maior parte do seu tempo "lidando com papelada. Vamos poder voltar à nossa principal função, que é cuidar de programas de saúde", assegura.